

---

---

# REVISTA TAKA'A

---

---

## Liderança tradicional Haliti Paresi: O que nos ensinou João Arrezomãe sobre a educação intercultural

### Traditional leadership Haliti Paresi: What João Arrezomãe taught us about intercultural education

Edicléia Paresi

*SEMEC-Tangará da Serra-MT*

<https://orcid.org/0009-0005-4195-1982>

Maria Helena Rodrigues Paes

*UNEMAT-Tangará da Serra-MT*

<https://orcid.org/0000-0002-1470-9366>

Neodir Paulo Travessini

*UNEMAT-Tangará da Serra-MT*

<https://orcid.org/0009-0009-7227-7205>

#### RESUMO

O povo Haliti, habitante tradicional do Centro Oeste brasileiro, tem sua história marcada pela chegada de colonizadores que, aos poucos, mas de forma agressiva invade terras e busca transformar a cultura indígena. Num incansável trabalho de defesa de seu povo e território, João Arrezomãe se destacou como a grande liderança de seu povo e também dos demais povos indígenas brasileiros, atuando em discussões e proposições que culminaram em legislações garantidoras de direitos indígenas. Este trabalho tem o objetivo de dar visibilidade aos ensinamentos do grande líder Haliti Paresi, no que concerne ao papel da educação escolar indígena em aldeias Paresi de Tangará da Serra-MT no sentido de valorização da cultura ancestral. A partir de entrevista com o próprio líder, com professores e professoras indígenas, bem como com pessoas que conviveram com João Arrezomãe, buscou-se registrar o que o mesmo deixou de lições para o funcionamento da educação escolar em terras indígenas de modo a valorizar a cultura tradicional de seu povo. Tem-se então, um registro sobre o valor da tradição cultural Haliti Paresi como parte da rotina e atividades escolares de modo a deixar para as futuras gerações a importância de se valorizar a raiz ancestral do nosso povo.

**Palavras-chave:** Educação escolar indígena; Educação Intercultural; Povo Haliti; Liderança Tradicional;

#### ABSTRACT

The Haliti people, traditional inhabitants of the Brazilian Center-West, have their history marked by the arrival of colonizers who, little by little but aggressively, invade lands and seek to transform indigenous

culture. In tireless work to defend his people and territory, João Arrezomãe stood out as the great leader of his people and also of other Brazilian indigenous peoples, working in discussions and propositions that culminated in legislation guaranteeing indigenous rights. This work aims to give visibility to the teachings of the great leader Haliti Paresi, regarding the role of indigenous school education in Paresi villages in Tangará da Serra-MT in the sense of valuing ancestral culture. Based on interviews with the leader himself, with indigenous teachers, as well as with people who lived with João Arrezomãe, we sought to record what lessons he left behind for the functioning of school education in indigenous lands in order to value the traditional culture of its people. There is then a record of the value of the Haliti Paresi cultural tradition as part of routine and school activities in order to leave to future generations the importance of valuing the ancestral roots of our people.

**Keywords:** Indigenous school education; Intercultural Education; Haliti people; Traditional Leadership

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Sou mulher Haliti Paresi, nascida em uma família tradicional deste povo tão trabalhador, sonhador, de crenças fortes e obediente aos ensinamentos de seus deuses e mitos. Nasci ainda nos anos oitenta, num contexto que minha mãe, avós e família só falavam em língua Haliti, então, sou falante fluente da língua materna de meu povo; com muito respeito à cultura tradicional, minha mãe, para me educar, teve todos os cuidados que se deve ter para com a criança segundo a cultura tradicional do povo Haliti Paresi.

Minha avó sempre me orientava porque ela era a esposa do cacique geral, João Arrezomãe, então, ela era a mãe do Povo Haliti e sempre nos falava em língua materna em tudo no dia. Com ela eu fui aprender as atividades na roça e plantava mandioca, limpava no pátio e fazia chicha. Também aprendi pescaria, procurava e coletava mel, procurava frutas nativas para alimentar e tudo sobre a vida do meu povo. Isso tudo me traz muitas coisas boas que aprendi com minha avó. Tive formação muito forte e bem feita, na minha cultura, pois minha família sempre valorizou e deu importância para nos tornarmos pessoas Haliti conforme nossos ancestrais orientavam.

Minha história com a educação escolar foi muito sofrida, pois, como eu fui criada sob princípios fortes da cultura tradicional e falante somente na língua materna Haliti, iniciar os estudos na educação formal foi muito difícil, pois entendia muito pouco a língua portuguesa. Mas, minha família, em especial, meu avô, João Arrezomãe, compreendia a importância da escolarização e, quando eu tinha sete anos, me mandaram morar na casa de parentes, na Aldeia Rio Verde, para poder estudar. Foi tão sofrido que acabei ficando doente e, voltei morar com meus pais e avós, então, minha mãe me ajudou muito a aprender a leitura e escrita na língua dos não indígenas e consegui terminar o quinto ano lá mesmo, na Aldeia Zolomo, onde morávamos todos em harmonia e praticando nossos trabalhos na cultura tradicional.

Como não tinha escola que pudesse dar continuidade aos estudos, novamente minha família me mandou estudar fora, agora, na cidade de Tangará da Serra. Ou seja, uma escola urbana, onde professores e alunos, todos só falavam em língua portuguesa e eu, na minha condição de falante em língua materna haliti, sofri demais. Naquela situação escolar, enfrentei muitas dificuldades em sala de aula por causa de domínio da Língua Portuguesa e também porque sou muita tímida e tinha vergonha de falar das minhas dificuldades. Neste ponto, lembro o que Lucimar Luiza Ferreira (2023) aborda a questão do ensino como uma prática social que deve considerar o contexto do aprendiz, acrescentando que a linguagem, em concepção interativa

[...] compreende que os interlocutores interagem com variados intuitos, buscando, através da linguagem, adquirir e fornecer informações, conhecimentos e novos saberes. Nessa concepção, o sujeito é visto como um ser social que usa a linguagem para agir, atuar sobre o outro e sobre o mundo. Ele é um ser histórico e constituído linguisticamente (Ferreira, 2023, p. 5).

Neste aspecto, a escola da cidade estava longe de me reconhecer como sujeito interativo, mais que isso, talvez, nem me reconhecesse como sujeito, apenas uma indígena em sala de aula, sem qualquer importância. Por isso, voltei para minha aldeia e fui estudar na Escola Zozoiterô, na Aldeia Rio Verde, que já tinha oferta de mais estudos. Lá não tive tantas dificuldades, pois a maioria de professores já eram indígenas e compreendiam bem a realidade de alunos que vivem em aldeias e falam sua língua materna. Mas, a escola ainda não tinha oferta de Ensino Médio, aí, novamente tive que morar em Tangará da Serra.

Minha sorte é que, já no ano de 2009, a escola da Aldeia Rio Verde, através da Escola Estadual Malamalali, já ofertava o Ensino Médio, então, voltei para a área indígena e terminei os estudos deste grau de ensino. Depois de formada no Ensino Médio, fui convidada a ministrar aulas no Ensino Fundamental e, a partir de 2012, sempre estive como professora naquela Aldeia e fui a cada dia gostando mais de ser professora.

Foi no ano de 2010 que prestei o vestibular para cursar a Faculdade na UNEMAT de Barra do Bugres e consegui vaga para a Graduação e alcancei a formatura em “Licenciatura em Língua Artes e Literatura” no ano de 2016. Para mim foi um grande sucesso, pois lembrava de meu avô sempre falando da importância de estudar a escola dos não indígenas sem perder a ligação com a cultura tradicional. Meu avô, João Arrezomãe, sempre incentivou a relação com a sociedade envolvente, mas, sem nunca esquecer da nossa cultura Haliti. Por isso, quando iniciei meu curso de Mestrado, no ano de 2020, entendi que seria muito importante falar da participação dos anciãos Haliti na

construção da realidade da educação escolar indígena para nós, em especial, os Haliti Paresi e todos os povos indígenas brasileiros.

Essa proposta de valorizar os ensinamentos dos anciãos se assenta na argumentação de que, mesmo antes de acontecer as leis que garantem atualmente os direitos à educação escolar indígena de modo específico e diferenciado, nossas lideranças, em especial João Arrezomãe, já falavam, esclareciam e orientavam os próprios povos indígenas a produzir estratégias de educação escolar que valorizassem a cultura tradicional de cada povo. Eu, professora indígena, falante da língua materna e bastante envolvida em atividades que possam produzir a valorização da nossa cultura tradicional, vejo como importante o registro dos ensinamentos de João Arrezomãe para que a geração futura nunca esqueça que ele foi o GRANDE PROFESSOR no seu modo de existência.

Em se tratando da metodologia para o desenvolvimento do trabalho aqui registrado, esclareço que reconheço a importância do rigor acadêmico para que os registros sejam considerados reconhecidos e valorizados no campo da pesquisa. Trata-se, então de uma pesquisa de abordagem etnográfica, seguindo as considerações de Andre (1995), já que ao levantar tais dados, estive sempre mergulhada na rotina da comunidade e em relações diretas e diárias com entrevistados. Lembrando, claro, que a visão e compreensão dos dados sempre consideraram a cultura Haliti em seu aspecto mais amplo e holístico. Não deixa, também, se se caracterizar como um trabalho de concepção participante.

A pesquisa bibliográfica pautou toda a trajetória de construção do trabalho aqui apresentado, sendo para melhor compreensão teórica, como para coleta de dados sobre o que já se tem publicado sobre o povo Haliti e sua dinâmica histórico cultural. A coleta de dados se deu a partir das próprias observações da rotina da comunidade e sua relação com o foco principal deste trabalho, bem como de longas sessões de entrevistas. Partiu de entrevista com João Arrezomãe, a qual foi gravada e filmada sendo (com uso de aparelho celular) o diálogo realizado em língua materna Haliti. Posteriormente, transcrevi para uma versão em língua portuguesa e usei a ferramenta Word para registro em computador. Foi realizada entrevistas com pessoas que conviveram com João Arrezomãe e professores Haliti, os quais narraram suas memórias sobre os ensinamentos do grande líder ao tratar da educação escolar em aldeias do meu povo. Tais entrevistas também foram gravadas com auxílio de aplicativo do aparelho celular, sendo transcritas posteriormente utilizando a ferramenta Word do computador.

Penso que, com este trabalho, estou dando o devido crédito a nossos anciãos quando se trata de valorização da cultura tradicional na rotina das escolas indígenas em tempos atuais. Em especial, estou dando visibilidade e registrando para a história futura a importância de meu avô e grande líder Haliti, senhor João Arrezomãe, para que suas lições não sejam esquecidas.

## **1. Apresentando o Povo Haliti Paresi**

Nesta seção, iniciarei apresentando o mito de origem do meu povo, segundo relato de um ancião, o qual narra o mito de origem na língua materna e eu, conhecedora da língua ouvi, registrei e fiz a versão resumida na língua portuguesa para aqui registrar. Em seguida, apresentarei algumas informações sobre meu povo em contexto atual e, em interesse a esse texto, vou também fazer alguns apontamentos acerca da educação escolar em contexto de grupo Haliti.

### **1.1 Mito de Origem do Povo Haliti Paresi**

Segundo relato do ancião Dito Nizokae (Bukanyo), antes de o povo Haliti sair de dentro de uma rocha, embaixo da terra, eles viviam no mundo mítico muito escuro, um lugar onde todos eram liderados pelo grande líder Wazare e seus irmãos. Junto com aquele povo também vivia muitos animais e vários tipos de aves. Não havia mais ninguém e eles viviam tranquilos e felizes. A terra onde Enohare morava era conhecida por nome de *matse Zolanawekwa* e *matse Koiyatidikyoa*.

A história do Povo Haliti Paresí, começa com o surgimento de *Enore* (Deus) que apareceu de dentro de uma pedra chamada de *Walihatse* e depois surgiu Toawakahyore. Quando os dois saíram da pedra, foram povoar a terra. Também havia a história de duas mulheres, chamadas de Makalikalo e Makowiyalo, as quais foram ameaçadas pela Mãe de água, (*Iyakane Maihyakanãe*). Toawakahyore (DEUS) morava sozinho nessa terra; de repente, as duas meninas saíram correndo assustadas e tremendo, pois *Enoré* apareceu e elas com medo, mas o deus gritava para elas não terem medo e que ia se casar com Makalikalo e Makowiyalo, Toawakahyore mostrou sua habilidade e pegou a sua arma, a borduna, para fazer um raio com força de trovão; repetiu duas vezes este maior raio, muito perigoso. As duas meninas, ao ver habilidade da Enoharetse, se esconderam na casa do Enoharetse e ficaram tranquilas, porque ele disse que as protegeria. Assim ele se casou com as duas meninas e teve dois filhos com Makalikoalo e Makowiyalo, que se chamavam Zokozokoidyo e Imyazahare.

Um dia, quando foram buscar água no rio Zokozokoidyo Imyazahare, ouviram um barulho estranho e ficaram assustadas e correram para contar para seus pais o que aconteceu, mas o pai não deu importância e não acreditava nas filhas. Com a insistência das filhas, ele foi junto com elas ao rio levando sua espada, a *Txiditxidihyore*, uma espada sagrada. Quando chegou ao local, ficou surpreso com o barulho estrondoso que vinha de um canto do rio. Pegou sua espada sagrada e acabou com a barulheira e com tudo onde estava fazendo o barulho. Depois de alguns minutos, olhou para todas as pessoas e elas estavam caídas no chão, quase desfalecidas e desmaiadas.

Mas, naquele local, onde havia caído o raio, as pessoas começaram a recobrar os sentidos e, após alguns minutos, eles levantaram muito assustados, mas, continuaram dançando e cantando. Um passarinho chamado Mazazalane, que estava deitado em sua rede, pensando na vida e no que havia acontecido, avistou uma luz através da fresta que ficou na pedra. Ele não pensou duas vezes, levantou da sua rede e foi observar aquela luz de perto, porque a curiosidade era grande e, assim, teve a ideia de sair para conhecer o mundo novo, com lugares diferentes daquele que ele vivia até então. Após passear e admirar tudo naquele lugar fora da pedra, pegando várias flores, colocou no seu cesto e voltou para dentro da pedra. Entrou dentro da pedra, deitou na rede e ficou quieto no seu canto, mas Wazare, com seu irmão Kamahiye aproximaram dele e perguntaram o que tinha acontecido, quando o passarinho disse sobre tudo que viu no mundo fora da pedra. Mas, ninguém acreditou no passarinho.

O passarinho, então, pegou o cesto de flores e mostrou para eles. Os dois irmãos ficaram admirados e acreditaram no que ele dizia. Foi então que Wazare reuniu o seu povo e decidiu sair daquele lugar para povoar aquela terra, mas para isso acontecer, fizeram vários rituais até que deu certo.

Antes de saírem, Wazare e seu pessoal eram diferentes e tinham rabo e pelos compridos. Wazare se preocupou em povoar toda a região que pertencia a ele, como também com a região onde habitava o seu irmão e seus parentes de famílias. Por isso, os irmãos dele casaram com as filhas do rei das árvores, um grupo de moças chamadas de *Atyahitsoaneronae*. É a partir desses casamentos que o povo Haliti/Paresi se proliferou e formaram também os seis subgrupos: os Kozarene, os Katxiniti, os Warere, Enomaniere, Kawali e os Waymare que são filhos de dois irmãos casados com uma mesma mulher. Somente Wazare e Kamaehjye não casaram e também não deixaram filhos.

Após organizar o seu povo, o líder Wazare e seu irmão Kamaehiye voltaram para o mesmo lugar de onde saíram para viver junto da irmã Waihyalidy, de onde cuidam do povo que aqui vive até hoje.

Desde que saiu da pedra, o povo se espalhou, abriu muitas aldeias e continua a crescer, mas, sempre aceitando e respeitando os ensinamentos que os ancestrais míticos deixaram para o bem viver em comunidade. Com o tempo, o povo Haliti fez contato com os não índios, com os quais vivem em certa harmonia, embora tenha perdido muito de suas terras originárias e tenha adquirido alguns hábitos e valores ocidentais. Muitos líderes, entretanto, não esquecem o que os ancestrais deixaram de ensinamentos e falam para seu povo sobre as lições deixadas pelos nossos primeiros líderes e deuses.

Os Haliti Paresí, tradicionalmente habitam a região central de Mato Grosso, sendo falante de sua língua tradicional, a qual é considerada pertencente a família linguística Aruak. Internamente se subdividem em 05 subgrupos: *Kozarini*, o mais numeroso dos subgrupos, *Enomaniyerê*, *Warere*, *Waimare* e *Kaxiniti*. Atualmente o povo conta com nove terras indígenas legalmente demarcadas e homologadas: Terra Indígena Paresi, Utiariti, Rio Formoso, Juininha, Estivadinho e Figueiras. As Terras Indígenas Uirapuru, Ponte Pedra e Estação Parecis estão ainda em processo de demarcação. A população atual é de cerca de 2.500 pessoas, que estão distribuídas em mais de 60 aldeias, as quais se localizam nos municípios de Tangará da Serra, Campo Novo do Parecis, Sapezal, Conquista do Oeste, Barra do Bugres, Campos de Júlio, Nova Lacerda, Diamantino e Nova Marilândia.

Mesmo que os povos e comunidades atuais precisam se relacionar com outros povos e o mundo ocidental, que necessitem de educação escolar para melhor garantir seu direito de território originário e direitos de vivência de sua cultura, a educação escolar não pode se render aos saberes, valores e práticas do mundo ocidental e é sobre isso que João Arrezomãe tanto dedicou de sua vida para deixar como herança para a minha e as próximas gerações.

A educação indígena é a primeira “escola para a vida” que um indígena possui, da forma como foi comigo, como narrei no início deste texto. Nela o ensino informal e cultural é passado pelos mais velhos e os anciões, construindo e fortalecendo a identidade de uma criança indígena. Através das histórias, cantos, festas tradicionais e outras coisas relacionadas a cultura, o indivíduo tem sua formação de caráter cultural. E, pensando na relação da educação tradicional e a educação escolar, é importante tomar Lacerda (2023) quando afirma que:

Ao incorporar a ancestralidade no currículo escolar, os alunos têm a oportunidade de aprender sobre a história e as tradições de seus antepassados. Isso pode incluir o estudo de eventos históricos impotentes, costumes culturais, tradições religiosas, práticas culinárias e muito mais (p. 3).

Ou seja, a escola pode se configurar como espaço de fortalecimento da identidade cultural e não como estratégia de seu enfraquecimento. A educação formal já traz conhecimentos ocidentais e, neste mundo globalizado, acaba sendo importante esse processo, mas, não pode ser mais importante do que a educação na e da cultura tradicional. Por isso é bom fazer registro imemorial da nossa cultura, pois sempre vai ter valor para nossa identidade e grande valor para nosso povo. Crescemos com a educação escolar indígena e, mesmo assim, mantemos a nossa identidade cultural e o processo de escolarização formal pode ter papel importante para a própria formação cultural tradicional.

## **2. Educação escolar indígena entre os Haliti Paresi**

Considerando o contexto do povo Haliti Paresi, o primeiro contato com um tipo de escola formal, assim como demais povos brasileiros, se deu num cenário religioso e de premissas assimilacionistas da época, cuja experiência, para meu povo, iniciou em meados do século XIX com a chegada do SPI (Serviço de Proteção ao Índio) na figura de Marechal Cândido Rondon, que vinha para a construção das linhas telegráficas, que ficou conhecida como “Comissão Rondon”. Naquela época, Rondon fundou uma escola com o objetivo de “civilizar” e preparar os indígenas para o trabalho nas linhas telegráficas no conhecido Posto Indígena Utiariti (Pinto de Angelo, 2018).

Foi nos anos de 1930 que, conforme Paes (2002), os jesuítas, tendo em vista o enfraquecimento das ações da Comissão Rondon, foram ocupando o espaço do que ficou conhecido como “Internato Utiariti”, pois para lá os religiosos levavam crianças de diversas etnias da região para “civilizar” e “catequizar” pelo código católico de vivência e atendendo aos preceitos de vida civil brasileira. Esta afirmativa da autora pode ser referendada pelas memórias que tenho de meus familiares narrando os sofrimentos de muitos parentes que viam suas crianças sendo levadas pelos jesuítas para aquele internato.

Com o tempo, os missionários jesuítas também deixaram suas ações no Utiariti, como aponta Pinto de Angelo (2018), mas, outras missões religiosas ocuparam o lugar de ofertar uma forma de educação escolar entre os Haliti Paresi, como os missionários do SIL (Summer Institute of Linguistics), que usavam a escolarização para impor uma outra religião aos indígenas. De forma desrespeitosa, traduziam a sua bíblia para o idioma Haliti

Paresi, cuja ação foi duramente criticada por Daniel Matenho Cabixi (1984). Mais que traduzir a bíblia para o idioma Haliti Paresi, aqueles missionários ainda condenavam as práticas sagradas do nosso povo. Usavam a educação escolar nas aldeias, como falou nosso grande líder para condenar nossas práticas ancestrais: “As instituições religiosas, na avidez de salvar as almas dos gentios para o céu, condenaram e extirparam na maioria dos casos, os mais sagrados valores religiosos dos povos indígenas” (Cabixi, 1984, p. 12).

A década de oitenta foi um ponto importante para a educação escolar para os Haliti Paresi, quando a FUNAI passou a ser responsável pela oferta de educação escolar em aldeias indígenas, quando o órgão federal enviava professores *imuti* (não indígenas) para ministrar as aulas. Mas, tais professores tinham dificuldade de se adaptarem à vida em aldeia, então, ficavam muito pouco na sua atuação em escolas. Logo, nos anos noventa, a Secretaria Municipal de Educação de Tangará da Serra assumiu a educação escolar nas escolas das aldeias. Inicialmente, ainda mandavam professores não indígenas para aquelas escolas, mas, aos poucos, mesmo sem formação de magistério, alguns indígenas começaram a dar aulas nas séries iniciais (Paes, 2002).

Mas, os povos indígenas não estavam quietos e, com o passar do tempo, foram buscando seu protagonismo. Cansados da “escravidão social e religiosa” imposta principalmente pelo tipo de escolarização civilizatória, a luta se iniciou pela defesa de uma educação escolar indígena com objetivo de centralizar a cultura tradicional como forma de educar não só para viver entre o povo, mas para viver também entre os não indígenas, respeitando a especificidade de cada povo. Claro, seu João Arrezomãe teve papel importante nessa trajetória.

Após muitas lutas, a Constituição Federal de 1988 reconhece os direitos indígenas e, em especial, da educação escolar como espaço de respeito e consideração pelas características das suas culturas tradicionais. Neste sentido, Travessini (2002) afirma que essa Constituição corrige equívoco histórico de negação das alteridades indígenas brasileiras. Com a sanção da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN, Lei nº 9.394/96), o ensino nas escolas indígenas poderia, e/ou deveria ser vivido de acordo com a realidade de cada povo, respeitando e valorizando os aspectos da cultura tradicional, como língua, território e cultura e tais direitos poderão ser conferido na citada legislação. Neste aspecto, lembro que, nesta nova configuração de oferta de educação escolar, os professores indígenas devem estar preparados para este trabalho dando contornos específicos e diferenciados na rotina de sala de aula.

## **2.1 Projeto Tucum. Fortalecimento da luta indígena por educação escolar específica e diferenciada**

Como venho deixando claro neste texto, os indígenas tiveram papel fundamental na luta para o redimensionamento da oferta e modos de funcionamento das escolas em aldeias indígenas. No caso do Estado de Mato Grosso, no campo da educação escolar, sob pressão de movimentos indígenas, o Governo do Estado cria o NEI-Núcleo de Educação Indígena de Mato Grosso, no ano de 1981, buscando uma Política de Educação Indígena a ser proposta para as Diretrizes Nacionais.

No ano de 1995, o Governo do Estado cria o CEI/MT-Conselho de Educação Escolar Indígena do Estado de Mato Grosso, órgão formado por representantes governamentais, representantes de ONG's e, principalmente, por representantes indígenas. Foi neste mesmo ano que o Governo do Estado propôs e colocou em execução o PROJETO TUCUM-Programa de Formação de Professores Indígenas para o Magistério, com a participação de importantes instituições parceiras, como a UNEMAT, a UFMT, FUNAI, ONG's (como o CIMI e a OPAN) e as Secretarias Municipais de Educação. O Projeto Tucum organizou-se em 04 Polos de atendimento a 11 etnias de todo o Estado, ofertando a Habilitação para o Magistério a 200 cursistas. Acontecia na forma de formação em serviço, ou seja, os cursistas só faziam aulas presenciais no seu tempo de férias escolares, de modo que podiam trabalhar, aplicar seus novos conhecimentos já em sala de aula, com acompanhamento dos Assessores Pedagógicos do Projeto, que atendiam e orientavam, frequentemente, os alunos em serviço nas escolas da Aldeia.

A proposta pedagógica deste projeto propunha como eixos fundamentais a abordagem do trabalho a partir de três grandes temáticas: Terra, Língua e Cultura. Ao se tomar a Língua como um dos eixos fundamentais na formação dos professores para o Magistério, é bom lembrar que a proposta, em toda sua construção, valoriza e tem intenção de fortalecimento das línguas maternas nas práticas da educação escolar em aldeias indígenas.

Atualmente, temos uma escola forte na área Haliti Paresi, que valoriza a cultura tradicional, mas também, trabalha com os conteúdos que são propostos pelo sistema nacional de ensino.

A Secretaria Municipal de Educação de Tangará da Serra sempre ofereceu cursos de Formação Continuada aos professores. Inicialmente, as coordenadoras pedagógicas da Secretaria era quem coordenava os trabalhos com fins de formação metodológica e didática. Em tempos atuais, com vários professores Haliti Paresi já graduados e pós-

graduados, alguns já com titulação de Mestre, se tornaram os protagonistas destes momentos de Formação Continuada para a educação escolar em terras Haliti Paresi.

Mas, lembro, tudo isso, não aconteceu ao acaso e como forma de “ganho” ou “oferta” da cultura ocidental: é resultado também de luta de nossas lideranças, por isso trago as histórias de seu João Arrezomãe que muito contribuiu para chegar até esse momento da escola em aldeias Haliti ter a condição legal de ofertar educação específica e diferenciada.

A partir daqui, então, passo a desenhar aspectos que ilustram e indicam sobre a importância deste incomparável líder, pois, é considerado o maior líder Haliti Paresi, pela sua atuação em defesa de todo e qualquer direito de nosso povo. Além, claro, de ser meu avô, o qual me ensinou e me tornou mulher HALITI.

## **2. João Arrezomãe. O líder dos líderes. O professor dos professores**

É muito conhecido e lembrado como “João Garimpeiro”, mais pelos Imuti, mas vou sempre chamar de João Arrezomãe, seu nome original da cultura. Ele era meu avô, pai do meu pai e morava na minha aldeia. Convivi muito com ele e ouvi ele contar muitas histórias, principalmente quando eu já era professora na aldeia Rio Verde.

Ele falava bastante da escola e ficava com medo da escola transformar o índio em “branco”. Ele não queria isso. Era isso que ele tinha mais medo, ou seja, que o Haliti Paresi aprendesse as coisas de não indígena na escola e fosse esquecendo a sua cultura tradicional. Ele lutava muito para que a escola fosse também um lugar de trabalhar a cultura do povo.

Ele lutou muito pelo nosso povo e falava muito da formação dos professores indígenas da nossa cultura. Ele pensava que os professores, na escola, tinham que valorizar cultura tradicional e não falar só as coisas da cultura ocidental. Ele me contou sua história bem emocionante. O que está aqui, neste registro, é resultado das minhas memórias das histórias que ele contava, reunindo as crianças no início da noite e também o que registrei em entrevista que fiz com ele ainda no ano de 2015. Essa entrevista foi feita em língua materna e, para fins de divulgação neste espaço, foi necessário a transcrição e versão em língua portuguesa. Seu João, meu avô, era muito atencioso e carinhoso com as crianças e tinha muito orgulho delas, assim, quando chegava visitas na aldeia, fazia questão de chamar todas as crianças para encontrar com as visitas.

João Arrezomãe nasceu no dia 25 de dezembro do ano de 1931, sendo seu pai o senhor Simplício Zonaizokae e a mãe a senhora Zomoyozakalo. Meu avô tinha uma irmã

de dois anos de idade, mas logo depois, quando tinha quatro aninhos de idade, a mãe deles faleceu e aí foram criados pela sua tia, Zomaezokaero. Sua irmã também faleceu ainda criança. Quando tinha 10 anos de idade casou-se com Anita Zomaiwairo e por ela ser ainda mais nova que ele, acabou cuidando dela. Quando completou 18 anos deixou sua esposa na aldeia e foi para cidade (como uma vila), naquela época, chamada de Chapadão dos Parecis. Lá trabalhou em uma lanchonete, em troca de comida e lugar para dormir. Não falava a língua portuguesa e, aos poucos, acompanhando o dono da lanchonete, foi repetindo as palavras e aprendendo um pouco a se comunicar na língua dos não indígenas. Depois de cinco meses, outro “branco”, senhor Belino, lhe ofereceu trabalho em um garimpo e, lá foi João Arrezomãe para outra cidade mais longe, tendo a promessa de “ficar rico” com ouro. Mas, naquele local, nem dormia direito, pois tinha que deitar com arma na mão, pelo risco que corria com muita violência e era sempre ameaçado pelos outros trabalhadores do garimpo, sofrendo preconceito e zombarias por ser indígena, quando senhor Belino sempre o defendia. Passado algum tempo, senhor Belino decidiu ir embora do garimpo e aconselhou João Arrezomãe a também sair do lugar, então, voltou para sua aldeia, já com 24 anos de idade.

Quando chegou na aldeia, quase não encontrou ninguém, pois os jesuítas tinham recolhido as mulheres e crianças, então João se arrumou e no dia seguinte foi até o Internato Utairiti. Lá chegando, inicialmente encontrou resistência, mas, ameaçou dizendo que todos os Haliti iriam invadir e destruir o local e todos que ali estavam; então os padres se amedrontaram e autorizaram meu avô a levar de volta as mulheres e crianças Haliti que ali estavam.

Nunca se conformou em ver seu povo humilhado e desrespeitado em sua dignidade, sua cultura sendo dizimada, seu território ancestral invadido e destruído. Um fato marcante de sua trajetória de vida foi este embate com os padres da Missão Jesuíta e se referia ao Internato de Utairiti como o inferno na terra. Sempre reunia as crianças, no início da noite, contava histórias míticas do nosso povo e, quando relatava sobre Utairiti, dizia: “Os padres matavam a alma Haliti; não podiam ser índios no Utairiti”. Mas, não era uma boa lembrança, pois, recordo que ele ficava triste quando contava as histórias

sobre Utiariti e os padres que maltratavam os indígenas.

**Figura 1** – João Arrezomãe narrando histórias para crianças ao redor da fogueira



Fonte: Edicléia Paresi, 2022

Quando voltou para a aldeia Paresi, passou a dialogar com os parentes sobre a importância da defesa de seus direitos: direito à terra e direito da prática de sua cultura tradicional. Foi um incansável defensor da Escola formal como um espaço de trabalho e fortalecimento da cultura. Para ele, a escola não podia servir para transformar índios em cidadãos “civilizados”, mas, ao contrário, a escola na aldeia devia trabalhar para fortalecer a cultura tradicional, sem perder de vistas a necessidade de instrumentos para dialogar e negociar com a sociedade ocidental. Por isso, sempre que podia participava dos cursos de formação de professores e sempre fez questão de proferir suas palavras de crença na valorização da cultura e insistir para que a escola trabalhasse a língua materna e as práticas tradicionais. Nunca deixou de, em algum momento, se levantar e, na língua materna, orientar e aconselhar os professores Haliti Paresi para nunca deixarem de falar a sua língua e nunca deixar de falar para as crianças da importância dos mitos e práticas tradicionais que formam a pessoa Paresi.

Na luta incansável pelo direito dos povos indígenas, João Arrezomãe se tornou importante liderança regional e nacional, participando de reuniões e eventos na defesa de indígenas. Se dirigia a muitas autoridades e fazia documentos, ou melhor, ditava o conteúdo das reivindicações para alguém colocar as letras no papel, pedindo para políticos não deixar de lado as comunidades indígenas, porque, como ele dizia, a terra originária é dos indígenas; ele dizia que foi “o branco” que invadiu a terra dos índios. Vestido com uma espécie de capa feita de couro de onça, com seu lindo cocar, segurando seu arco e flecha e usando seus enfeites tradicionais Haliti Paresi, João Arrezomãe falava forte com todos os chefes da FUNAI, Prefeitos, Secretários, até com governadores.

**Figura 2** - João Arrezomãe com sua vestimenta tradicional



Fonte: Plano de Gestão Haliti Paresi, 2019

No ano de 1999 foi oficializado como servidor da FUNAI, trabalhando como agente da saúde, cargo que favoreceu sua aposentadoria como servidor público. Um direito e uma forma de agradecimento por tudo que fez pelos povos indígenas.

O grande cacique faleceu no dia 16 julho do ano de 2018, mas suas palavras e pensamentos ecoam ainda muito forte entre os Paresi, principalmente seus pensamentos sobre a educação escolar indígena e da nossa cultura. Nós, Haliti Paresi, acreditamos que a terra, a água e o ar que formavam o corpo e alma do cacique João Arrezomãe voltou às suas origens na *Aytio* (Ponte de Pedra), onde se juntou ao clã de Wazáre, o primeiro Guerreiro.

### **3.1 João Arrezomãe: o eterno e sábio mestre**

Toda fala de João Arrezomãe era uma fala de ensinamento. Até quando narrava os mitos e histórias tradicionais Haliti Paresi, ele ensinava sobre o bem e o mal e como um verdadeiro Haliti deve se formar como pessoa. João era muito experiente, viveu dias difíceis, lutou muito e dialogou muito com políticos, com lideranças de outras etnias e tantas pessoas na sua vida, então, sempre teve muito o que ensinar. Em certa ocasião, quando perguntado sobre as maiores ameaças que já havia enfrentado na vida, João Arrezomãe assim respondeu:

O maior inimigo de nós, indígenas, não são nem os fazendeiros, seringueiros e nem os garimpeiros, que a gente sabe que são inimigos que querem acabar com a gente mesmo se pudermos. Os maiores inimigos dos indígenas são aqueles que se aproximam de nós como amigos, como faz os políticos e os brancos religiosos. Esses, sim, matam a gente por inteiro, eles matam a nossa alma (João Arrezomãe, 2015).

Junto com outras lideranças João Arrezomãe fez muitas “guerras” com governantes na defesa dos povos. Lutou para reagrupar seu povo que foi sendo espalhado por causa das ações das missões religiosas e também das ações governamentais e do avanço das lavouras e pastagens ao redor da área. Área indígena que foi sendo espremida e “roubada”. Lutou muito para demarcação da área indígena Haliti Paresi assim como para preservar cultura tradicional.

Conforme relato de Francisca Novantino, a Chikinha Paresi, seu João era muito ativo na luta pelos direitos dos indígenas, não só para Haliti Paresi, mas se sensibilizava com a luta de outros povos também. Segundo ela, João Arrezomãe não se intimidava diante de qualquer autoridade e sempre era recebido por políticos importantes. Ela relata de situações, reuniões, debates e lutas que compartilhou com seu João desde final da década de 1970: “Na capital federal encontramos com lideranças de vários povos, e a maioria já conhecia seu João Arrezomãe e sua luta pelo território. Era recebido por autoridades do governo para falar dos problemas do seu povo, e da situação de conflitos”.

João Arrezomãe foi bem atuante nas lutas para garantia legal dos direitos indígenas no Brasil, como continua relatando Chikinha Paresi. Participou ativamente dos movimentos e lutas para inserir direitos indígenas na Constituição Federal de 1988. “E passados os anos, com o movimento pró-constituente, ele também nos acompanhou para a manifestação em Brasília, na mobilização indígena por uma constituinte que contemplasse os direitos dos povos” (Pinto de Angelo, 2022)

Além de sua eterna luta pela Terra originária dos Haliti Paresi (e de outros povos também), João Arrezomãe sempre defendeu o fortalecimento da cultura tradicional de seu povo. Sempre falou forte para crianças e jovens da necessidade de manutenção da língua materna e dos rituais sagrados Haliti Paresi.

Quando ele era vivo, aprendi muita coisa boa com ele; deixou boas lembranças para todos nós; aprendi com ele toda parte de valorização da nossa cultura ao lado da do não indígena; também ensinou, nós professores indígenas, que precisa trabalhar na língua materna. Ele sempre participava dos cursos de formação e contribuía com seu pensamento para com a educação escolar Indígena. Quando estávamos no Projeto Tucum ele dizia: “tem que aprender língua portuguesa, mas, não é pra esquecer a nossa cultura; estuda, mas não fica igual ‘branco’; aprende para ajuda seu povo e não ficar sofrendo; importante pra vocês que vão um dia lutar com os brancos, defender nossos diretos (Pedro Nazokemai, 2022).

A cultura e a língua também eram uma preocupação, pois temia que com a aproximação da sociedade envolvente, ou seja, dos *imoti*, nas cidades e nas aldeias, isso poderia influenciar os jovens. Por isso, gostava de receber os visitantes com as crianças vestidas conforme os trajes, os costumes Haliti-

Paresi (Pinto de Angelo, 2022).

O Cacique Estevão Kenazokae, genro dele, também lembra que João Arrezomãe sempre fez questão de falar aos Haliti Paresi sobre a preservação da cultura tradicional e também falava que lutou muito para demarcação do território. Segundo Cacique Estevão, João dizia:

Não deixa a nossa cultura morrer; se vocês fica assanhado, vocês próprios fica sofrendo na mão do não indígena, mas graças a eu, vocês tem boa vida para hoje. Se não, tinham jogado todos os Paresi na Amazônia por causa da terra, mas agora vocês tem que valorizar a nossa cultura. Ele fala com a voz alto para defender o que ele tinha.

O Cacique Juvenal Azomaré, ao dar entrevista para este trabalho, lembra que João Arrezomãe falava sempre da valorização da cultura Haliti Paresi. Segundo Juvenal, ele “sempre estava cobrando, pois não queria que os jovens esquecessem a cultura. Fazia questão, mesmo já de idade participava de todos os rituais. Sua vida era incentivar o seu povo a praticar a cultura e ensinar os mais novos sobre a história do seu povo.”. Nesta mesma perspectiva, o professor Alexandre

Seu filho, Carlito Okenazokie, também faz questão de recordar e deixar bem vivas as palavras de orientações de seu João Arrezomãe:

Nos seus últimos momentos, ele me deixou para mim ficar no lugar dele pra continuar com ensinamento ‘não esquecer a minha cultura; educação é importante pra nós os nossos filhos e netos tem que educar o que nós aprendemos da nossa cultura; não deixa, principalmente a nossa língua, cada vez a minha preocupação é com nossas crianças porque nós vamos saber lidar com tecnologia e vamos perder o que nos tem. Educação diferenciada é muito importante pra nos.

Professora Nilce Zonizokemaerô atualmente é Coordenadora Pedagógica, pela SEMEC de Tangará da Serra, de todas as escolas em área Haliti Paresi de Tangará da Serra. Na entrevista, esta professora falou bastante dos aconselhamentos de seu João. Lembrou das vezes que dizia que os indígenas devem ir para a escola para aprender a ler e escrever, pois, segundo ele, como ela conta, “Através da escrita, você aprende escrever e fazer documento. E busca seu direito na sociedade de não indígena e busca aprender alguma coisa e aprender escrever e ler para buscar o direito do seu Povo.”. Mas, sempre falava, até nos encontros de formação de professores que a cultura Haliti Paresi é importante também na escola para os indígenas.

Ele é uma grande sabedoria; fala com precisão sobre a questão de escola

indígena; ele disse também que a gente nunca deve esquecer a nossa cultura ao trabalhar os dois conhecimentos: trabalhar o conhecimento do tradicional povo Haliti Paresi e conhecimento do não indígena., porque ao conhecimento indígena é uma ferramenta da defesa do povo Indígena (Nilce Zonizokemaerô, 2022).

A educação escolar sempre foi uma preocupação de João Arrezomãe e, nos cursos de capacitação, promovidos pela Secretaria Municipal de Educação, ele fazia questão de falar aos professores.

O pensamento do seu João e ele falava para nós: “quando você estuda na aldeia, aprende e própria sua aldeia e no trabalho de professor, não deixe sua comunidade. Estuda, mas não vira igual branco; compreende o modo global, mas, nunca esquece a nossa cultura. Tem que compreender os dois lados, não pode aprender só um lado; vocês têm que aprender os dois lados e defender seu direito com mais firmeza. Dê educação, mas nunca deixe a nossa cultura; precisa sempre valorizar a nossa cultura e preservação da natureza.”. Assim ele falava para nós, professores (Ivânio Zekezokemae, 2022).

Quando tinha curso de formação, em 2003, eu me lembro que ele dizia para trabalhar na língua materna dentro da sala de aula, até nós professores trabalhando com a disciplina de Ensino Religioso, tinha que trabalhar na língua materna. Através da ideia do cacique geral dos Haliti-Paresi, é que fomos cada vez mais fortalecendo nossa língua materna e a nossa cultura, porque as crianças têm que ter os dois conhecimentos, mas para não esquecer a nossa cultura; sempre vai ter valorizado a cultura, mas também vai saber defender os nossos direitos (Angelo Kezomae, 2022).

Se observarmos, com olhar ocidental, podemos até concluir que seu João Arrezomãe era repetitivo nas suas falas e ensinamentos, insistindo sempre na preservação da cultura tradicional e no fortalecimento da língua materna. Mas, precisamos lembrar que na tradição indígena a repetição é um meio de ensino e aprendizagem, o que para as propostas didáticas da sociedade ocidental não seriam muito aceitáveis. Peggion (2003), quando trata de algumas dificuldades de aceitação da proposta pedagógica do Projeto Tucum, esclarece que podem ser compreendidas como “Questões aparentemente sem importância, não fossem as sociedades indígenas pautarem seus processos de aprendizagem em sistemas de observação e repetição, que, em nossa sociedade, são considerados ‘ultrapassados’”.

Esse seu jeito de professor, um mestre, é reconhecido por Genilson Kezomãe, como relata em seu depoimento dado para coleta de dados desta pesquisa.

João Garimpeiro, teve que fazer sua missão e defender as comunidades indígenas e nossa tradição, no lado tradicional; ele foi sempre um professor no sentido de ele conhecer todos os traços culturais tradicionais, costume, mitologia e toda a parte do Sagrado do Haliti Paresi; ele transferia para os filhos, sobrinhos e para povo de forma geral tudo que sabia, então, ele é um professor! Professor porque não só tinha prática, mas ele não só ensinava como

também transferia a responsabilidade para as pessoas vindo na sequência das novas gerações (2022).

Enfim, podemos dizer que seu João Arrezomãe praticava uma PEDAGOGIA TRADICIONAL INDÍGENA.

Neste aspecto, ressalto a necessidade de se reconhecer, valorizar e passar adiante a importância desta liderança, visto que, como quero reforçar, se posicionou sempre como um mestre à frente de seu tempo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Sabemos que a juventude atual está muito envolvida e seduzida com a tecnologia do celular e da internet. Sabemos que estas tecnologias cada vez mais ocupam os espaços na rotina das aldeias indígenas e, nem sempre, os jovens dedicam seu tempo para ouvir histórias e conhecer a vida de anciãos que lideraram e propuseram mudanças para que a condição atual das comunidades indígenas estivesse em melhores condições (não as ideais) de reconhecimento nacional. A escola nas aldeias, então, tem papel fundamental para manter “viva” a memória das lideranças que já estão ao lado de Wazare. Se formos pensar, os conteúdos escolares, ditados pelo sistema nacional, não privilegiam textos, narrativas, histórias sagradas, a geografia de locais sagrados, as plantas medicinais, etc., das comunidades indígenas. Sequer, os livros de História, mencionam figuras indígenas que se destacaram no cenário nacional e internacional na luta por direitos e que, de um modo ou de outro, fizeram a diferença para o que temos de realidade atual.

Não podemos deixar de elevar a sabedoria de nossas lideranças maiores, em especial o que eu trouxe neste espaço de escrita sobre João Arrezomãe o qual, muito antes da legislação registrar o direito à diversidade, já bradava nas reuniões e eventos sobre a necessidade de um trabalho específico e diferenciado para as escolas indígenas. A participação dele, de um modo ou de outro, está contida nas mais diversas leis que tratam dos direitos indígenas, até o momento assegurados.

A história e experiência de vida desta importante liderança Haliti Paresi, se configura em uma “Pedagogia” da qual temos que nos apropriar. Suas práticas, seus posicionamentos em reuniões diversas, seus modos de imposição de suas propostas diante de políticos, suas relações e ensinamentos na rotina das aldeias, são pedagogias que devem nos inspirar. O respeito às crianças, o respeito ao sagrado, o respeito à tradição cultural, o respeito aos mitos e rituais devem nos inspirar. São posturas que devemos passar para frente, para as novas gerações.

Cabe a cada professor buscar os conhecimentos da cultura tradicional e propor ações diferenciadas em sala de aula. Cabe ao professor buscar conhecimentos legais e teóricos para construir sua ação escolar. Cabe ao professor reconhecer como conhecimento útil e fundamental, a história de vida e pensamentos dos anciãos e, em especial, das lideranças que muito lutaram pelo nosso povo. Assim, acreditamos que os pensamentos de Paulo Freire se tornam fundantes para a construção de uma postura de professor dialógico, reflexivo, propositivo e que fará a diferença na sua comunidade escolar, refletindo nas futuras gerações.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço imensamente a todos que contribuíram, de um modo ou de outro, para que este registro possa ficar para as futuras gerações. Em especial, quero agradecer ao ancião Dito Nizokae (Bukanyo), que gentilmente se prestou a narrar o mito de origem do povo Haliti.

Agradeço aos caciques Estevão Kenazokae, Juvenal Azomaré, Carlito Okenazokie, pelo seu tempo dedicado a dar seus depoimentos sobre sua convivência e repartir conosco o que reconhecem como sabedoria do grande líder.

Aos professores, Nilce Zonizokemaerô, Ângelo Kezomae, Pedro Nazokemai, Ivânio Zekezokemae e Genilson Kezomãe, os quais não mediram esforços para acessar suas memórias e declarar os ensinamentos que receberam de João Arrezomãe.

Sem esquecer, Francisca Novantino a querida Chikinha Paresi, professora e também liderança Haliti Paresi que muito conviveu e acompanhou a luta de João Arrezomãe em defesa do nosso povo.

*In memoriam*, a João Arrezomãe, meu atencioso e carinhoso avô, que mesmo já enfraquecido pelo tempo de vida, tirou parte de seu precioso tempo e, com paciência, me falou em entrevista com toda sua sabedoria.

## **REFERÊNCIAS**

CABIXI, Daniel Matenho. **A questão indígena**. Cuiabá: Centro de Documentação Terra e Índio, 1984.

FERREIRA, Lucimar Luiza. Histórias em quadrinhos nas aulas de língua portuguesa na FAINDI. **Revista Taka'a**, Barra do Bugres, MT, v.1, n.1, p 1-17, 2023. Disponível em <https://periodicos.unemat.br/index.php/rtakaa/article/view/11894>. Acesso em 26 maio, 2024.

LACERDA, Fábio Henrique de Souza. Conectando raízes: a importância do projeto 'Ação Saberes Indígenas' no currículo escolar. **Revista Taka'a**, Barra do Bugres, MT, v.1, n.1, p 1-12, 2023. Disponível em <https://periodicos.unemat.br/index.php/rtakaa/article/view/12383>. Acesso em 25 de maio, 2024.

PAES, Maria Helena Rodrigues. **Na Fronteira: Os atuais dilemas da escola indígena em aldeias Paresí de Tangará da Serra-MT, num olhar dos Estudos Culturais**. Dissertação de Mestrado. PPGE. UFRGS. 2002.

PEGGION, Edmundo Antonio. Educação e Diferença: a formação de professores indígenas em Mato Grosso. Brasília: **Em Aberto**, v. 20, n. 76. p.44-53, 2003. Disponível em <https://emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2586/2324>. Acesso em 25 de maio, 2024.

PINTO DE ANGELO, Francisca Novantino. **Educação escolar entre os povos indígenas de Mato Grosso: Cinco casos, cinco estudos**. Tese de Doutorado apresentada à UFRJ, 2018.

TRAVESSINI, Neodir Paulo. (2002). **A questão da educação no contexto da modernidade e da civilização indígena**. Dissertação de Mestrado. PPGE. UFRGS. 2002.

Recebido em: 02 de maio de 2024

Aprovado em: 05 junho de 2024

Publicado dia 07 de junho de 2024